

# QUIMERAS: A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO NAS FERIDAS DO ANTROPOCENO<sup>1</sup>

QUIMERAS: THE CONSTRUCTION OF THE FANTASTIC IN THE WOUNDS OF THE ANTHROPOCENE

**Dannah Cortat Simoneli**  
**UFES**  
**Rafael Pagatini**  
**UFES**

## Resumo

Este artigo aborda a criação da série escultórica *Quimeras*, composta por cinco peças cerâmicas que exploram formas híbridas entre o real e o imaginário, inspiradas em seres marinhos e criaturas propõem uma reflexão sensível sobre o impacto humano no Antropoceno. Fundamentado nos processos experimentais com a argila, o trabalho se desdobra a partir da relação com a matéria, representando formas híbridas inspiradas na vida marinha e estruturas da natureza. As peças evocam resiliência, transmutação e impermanência, ao mesmo tempo em que retratam uma crítica às ações humanas, representando as transfigurações e as cicatrizes deixadas na biosfera. A criação artística é tratada como prática reflexiva, conectando arte, biologia e crítica ecológica. As contribuições teóricas de Bonneuil e Frescoz (2023) e Ailton Krenak (2019) ampliam o debate entre arte, natureza e ética. A série *Quimeras* convida o espectador a imaginar outros mundos possíveis e a repensar a relação entre humanidade e Terra.

## Palavras-chave:

Antropoceno; cerâmica; imaginário; arte e natureza; processo criativo.

## Abstract

*This article discusses the creation of the sculptural series Quimeras, composed of five ceramic pieces that explore hybrid forms between the real and the imaginary, inspired by marine beings and fictional creatures that propose a sensitive reflection on human impact in the Anthropocene. Grounded in experimental processes with clay, the work unfolds through a relationship with the material, representing hybrid forms inspired by marine life and natural structures. The pieces evoke resilience, transmutation, and impermanence, while also offering a critique of human actions by portraying the transfigurations and scars left on the biosphere. Artistic creation is approached as a reflective practice, connecting art, biology, and ecological critique. The theoretical contributions of Bonneuil and Frescoz (2023), as well as Ailton Krenak (2019), expand the dialogue between art, nature, and ethics. The Quimeras series invites the viewer to imagine other possible worlds and to rethink the relationship between humanity and Earth.*

## Keywords:

*Anthropocene; imaginary; ceramics; art and nature; creative process.*

## INTRODUÇÃO

Para quem é natural do Espírito Santo, as catástrofes que afetam os sistemas que sustentam a vida na Terra se manifestam de forma evidente no cotidiano. Crescida em Colatina, uma cidade no norte do Estado cortada pelo Rio Doce, Dannah Cortat Simoneli desde criança lembra de caminhar pela orla do rio, separada apenas por um pequeno parapeito ou grade. Nessas caminhadas, ela imaginava os caminhos percorridos por aquela imensa massa de água e as inúmeras formas de vida que habitavam o interior de seu corpo. Sentia-se parte deste grande ecossistema: ao beber um copo d'água, saborear um peixe pescado na região ou simplesmente tomar banho, reconhecia que a vida ao seu redor dependia profundamente daquele rio.

Ela ainda guarda na memória o impacto da lama que modelou sua relação com o ambiente. Apesar da destruição, percebia a incrível persistência da vida na natureza. Essa vivência construiu profundamente sua percepção sobre a relação entre natureza e cultura, além de evidenciar o impacto humano na vida do planeta.

Sua poética artística em cerâmica reflete essa experiência ao investigar como o fantástico pode nos levar a pensar sobre a resiliência da vida em uma era profundamente marcada pela ação humana no sistema Terra. Esta é uma forma de questionar e imaginar possibilidades de coexistência e renovação diante das adversidades que enfrentamos.

O processo de criação em cerâmica envolve uma interação profunda entre corpo, matéria e técnicas, destacando-se pela exigência física e pela relação íntima que se estabelece com o barro. Ao modelar peças, a experiência tátil e as respostas imprevisíveis da argila tornam-se elementos centrais, permitindo que o processo seja guiado tanto por uma visão projetiva quanto pela experimentação empírica. Paralelamente, a utilização da argila e sua manipulação através da cerâmica possibilita uma conexão conceitual desta pesquisa com o Antropoceno, proposta de época geológica marcada pelos impactos humanos nos sistemas ambientais e ecológicos.

Esta pesquisa propõe pensar a respeito de seres fantásticos concebidos a partir da reflexão sobre as consequências das intervenções humanas no equilíbrio planetário. A cerâmica, um material extraído diretamente da terra, se torna um meio de especular a relação entre o ser humano e a natureza, lembrando tanto nossa conexão ancestral com a terra quanto às consequências da exploração desenfreada dos recursos naturais. O uso da argila permite uma reflexão crítica sobre essa interação, revelando como a transformação de materiais naturais estrutura tanto a resiliência quanto a vulnerabilidade da natureza diante das ações humanas.

Nesse contexto, Simoneli desenvolveu um trabalho intitulado *Quimeras*. Composta por cinco peças cerâmicas, a série explora formas e texturas que remetem especialmente a animais marinhos e criaturas fictícias. Inspiradas pela ideia de criar um universo que transita entre o real e o imaginário, as peças desta série produzida em cerâmica emergem da experimentação com o material e das transformações que a argila sofre ao longo do processo criativo. Ao permitir que o próprio material influencie o resultado final, o trabalho expressa a imprevisibilidade e a impermanência do Antropoceno.

Cada peça da série *Quimeras* evoca um ser fantástico, que parece ter emergido de um ambiente misterioso e inóspito, como, por exemplo, as profundezas abissais do oceano. Essas formas híbridas, entre o natural e o fantástico, sugerem a adaptação de seres vivos a condições extremas, refletindo a resiliência da natureza em resposta às mudanças e pressões impostas pelo ser humano. A série questiona, assim, a ação humana sobre a natureza e o uso dos recursos naturais, trazendo à tona um imaginário de criaturas que contribuem para a construção tanto do fantástico quanto para as marcas do Antropoceno.

Segundo os historiadores franceses, Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz (2023), o Antropoceno é uma nova era geológica marcada pelos impactos negativos do ser humano (principalmente as grandes potências econômicas) no planeta Terra:

Do grego antigo *anthropos*, cujo significado é “ser humano” e *kainos*, cujo significado é “recente, novo”, o Antropoceno é um novo período dos humanos, a era do Homem. Caracteriza-se pelo feito de que “a marca humana sobre o meio ambiente planetário se tornou tão vasta e intensa que ela compete com algumas grandes forças da natureza em termos de impacto no sistema Terra” (Bonneuil; Fressoz, 2023, p. 21-22).

Dentro deste contexto, entre o fantástico e o Antropoceno, ao explorar texturas ásperas e formas abstratas, *Quimeras* também traz o aspecto imaginativo de formas desenvolvidas que revelam um mundo que ultrapassa os limites da realidade empírica. As superfícies irregulares e os contornos assimétricos buscam expressar uma visão mais profunda e contemplativa sobre o que significa as transformações que ocorrem no planeta que habitamos. Neste processo a criação cerâmica tornou-se um meio de refletir sobre a passagem do tempo, a fragilidade do equilíbrio natural e as intervenções humanas, propondo uma nova forma de enxergar o mundo, ou um mundo possível, bem como as formas que nele habitam.

Assim, a série *Quimeras* não é apenas um conjunto de obras cerâmicas, mas um campo de experimentação e questionamento sobre o lugar e o resultado das ações humanas na natureza e o impacto dessas ações no planeta. Através da utilização da argila e da criação de formas orgânicas que mesclam o imaginário natural com o fantástico, a série convida a refletir sobre o potencial da arte e os desafios do nosso tempo, ao mesmo tempo em que celebra a possibilidade de existência de novos seres que emergem dessa tensão.

### **SÉRIE QUIMERAS: DESTRUIÇÃO E NOVAS FORMAS DE VIDA**

A série *Quimeras* consiste em cinco peças de cerâmica parcialmente esmaltadas, cujas formas orgânicas e texturas variadas evocam referências a animais marinhos e outros organismos vivos. O processo de criação desenvolveu-se a partir de uma reflexão que buscava desestabilizar percepções sobre o imaginário dos animais marinhos enquanto a execução se desenrolou em uma

experimentação de formas e texturas.

O trabalho concentrava-se na manipulação dos objetos em mãos, investigando suas possibilidades. Como um instrumento - a exemplo da ponta seca, que, em determinado ângulo, provocava uma textura na argila úmida - ou ainda o uso de um pequeno pedaço de coral para marcar texturas em forma de linhas. Embora houvesse momentos de tensão ao visualizar ou antecipar o desfecho da prática criativa, o principal enfoque permaneceu em compreender como a forma se constituía ao longo do processo de modelagem.

Houve muitas incertezas sobre como dar continuidade a essa mistura de formas criando uma série de elementos que não eram pré-concebidos. As primeiras esculturas da série *Quimeras* (*EVO 01*, *EVO 02* e *EVO 03*, no qual “*EVO*” vem da palavra “evolução”) foram elaboradas com barro misto e rústico, comum para feitura de tijolos e peças de cerâmica de artesanato popular. Em *EVO 01*, a massa foi envolvida em uma bola de papel que se transformou em um formato ovalado, com sua extremidade ligeiramente puxada para frente. Utilizando pequenos roletes de argila, a artista modelou cuidadosamente a ponta da peça, e produziu riscos sutis com uma ponta seca.



Figura 1 - *EVO 01* (2022), Dannah Cortat Simoneli, 6x12cm. Peso 482g. Técnica de placa com estrutura de papel, e pequenos roletes. Imagem de Bruna Cortat Simoneli.

Fonte: Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

Em seguida, foram aplicadas quatro placas de argila ao corpo da obra, que podem se assemelhar a formas de “pétalas”. As áreas entre as placas e a base foram texturizadas com ferramentas de diferentes espessuras, conferindo-lhe uma superfície irregular. Além disso, adicionou-se um efeito mais “carnudo” às placas em contraste com o aspecto rochoso das texturas produzidas inicialmente. Estas foram texturizadas com linhas, levemente carimbadas por um pequeno pedaço de coral canelado.

As formas “orgânicas” e “fluidas” da escultura remetem a imagem de pétalas ou outra estrutura biológica viva, assim como sua superfície externa, apresentando texturas onduladas com marcas que sugerem movimento. No topo da peça, um conjunto de formas de filamentos surge como a cobertura de uma boca. Os detalhes perfurados seguem linhas centrais quase verticais, e a camada que envolve a peça reforça a percepção de um ser vivo em transição. A peça traz temas de transformação ou metamorfose, mantendo uma conexão com o mundo natural e seus fenômenos. A princípio, imaginou-se as peças que seriam produzidas como a sensação de algo que emerge de um *habitat* obscuro e misterioso. No entanto, à medida que avançava no processo criativo, distanciou-se de uma visão que retratava as formas de vida das camadas abissais como “monstros marinhos” misteriosos.

A intenção inicial era produzir uma forma que tivesse ligação com animais marinhos, flores ou mesmo corais que, de forma fantástica, eram criados a partir das tensões e interações entre o meio ambiente e as ações humanas, elaborando seu formato na mente da artista ao longo do processo de produção. A partir desse ponto, experimentou-se criar uma peça que evocasse mais diretamente formas preexistentes na natureza, tornando-as mais facilmente reconhecíveis. Buscou-se um resultado que trouxesse uma referência ou indício formal, mas que, ao mesmo tempo, mantivesse certa ambiguidade quanto ao que essa forma representava. Assim, a peça poderia remeter tanto a um botão de flor quanto a uma criatura fictícia.

Enquanto aplicava os pequenos roletes formando a ponta da figura, a irmã de Dannah Cortat Simoneli, graduada e doutoranda em Ciências Biológicas, fez uma análise do objeto a partir de seu campo de pesquisa. Ela questionou se a criação era uma esponja do mar com anêmonas ou alguma outra espécie de *cnidário* (uma classificação de animais aquáticos, que inclui organismos como as águas-vivas, espécies de corais moles, anêmonas-do-mar e hidras). A resposta foi, em parte, uma confirmação dessas associações, pois a intenção era experimentar texturas que remetessem a esses elementos nas peças produzidas pela artista.

Na segunda peça (*EVO 02*) modelou-se a partir de um bloco único de argila, iniciando em uma configuração cilíndrica. As barbatanas dorsais e abas laterais foram adicionadas com roletes achatados nas pontas dos dedos, adicionando texturas por meio de riscos da ponta seca. Foi experimentada a utilização de um pequeno boleador para detalhes mínimos em suas laterais, e adicionando rolinhos cavados (com a inserção de um palito) em uma área de sua dorsal.



Figura 2 - *EVO 02* (2022), Dannah Cortat Simoneli, 26x10cm. Peso 465g. Técnica de bloco único com roletes. Imagem de Bruna Cortat Simoneli.

Fonte: Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

Nesta obra, foi explorada a criação de uma forma indefinida que trouxesse uma figuração animal. Sua fisionomia foi concebida imaginando os seres vivos que rastejam entre grandes formações rochosas submersas e os

animais abissais que, apesar das intempéries de uma vida em um ambiente escuro e de tamanha pressão, se adaptam para a sobrevivência. O resultado foi uma peça que gerou um ser de formato alongado com a cabeça oca meio deformada, sugestivo de um longo peixe, porém prevalecendo sua característica “disforme”.

Nesta peça havia apenas os esboços delineando seu formato orgânico. Logo, sua aparência final, assim como cada peça desta série, foi moldada por perguntas constantes, como: E se a modelagem fosse realizada de maneira diferente? Que outras texturas poderiam ser produzidas com o rolete? Quando se deve parar? Deve-se esmaltar a peça? Houve muitos momentos de pausa para observar atentamente a forma produzida, ao mesmo tempo em que se questionava o processo criativo: será que era isso mesmo o que se queria? Existe sempre um abismo entre a ideia inicial e o produto final.

Ao criar a terceira peça da série *Quimeras* (*EVO 03*), voltou-se à forma inicial, com a ponta composta por diversos roletes pequenos, desta vez voltada para cima centralizada. Em *EVO 03*, buscou-se experimentar mais o conceito de “vazio” da forma, mantendo quase toda a sua superfície com uma única textura (as perfurações de aspecto poroso), e “equilibrando” a composição adicionando um pedaço de placa de argila de bordas arredondadas e curvilíneas em uma de suas laterais; além de um outro pedaço menor com a marca de uma ferramenta estriada ao seu lado. No lado oposto, foram colocados três pequenos roletes ocos com a ponta mais aberta e texturizada com um palito.



Figura 3 - *EVO 03* (2023), Dannah Cortat Simoneli, 7x12cm. Peso 162g. Cerâmica com esmalte. Técnica de placas com estrutura de papel e pequenos roletes. Imagem de Bruna Cortat Simoneli. Fonte: Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

A parte central da peça exibe uma superfície porosa, similar a uma esponja, enquanto nas laterais há formas orgânicas que lembram corais ou outros organismos vivos se erguendo. O topo da peça tem uma textura mais suave, com linhas sutis e um formato cônico. A peça, em sua totalidade, tem a aparência “orgânica” para conjurar elementos da natureza e processos de erosão e transmutação.

As peças desta série foram produzidas com desapego, sem a garantia de que seriam submetidas à queima, como se o ato de criá-las fosse uma experiência voltada ao aprendizado da artista, movida unicamente pelo desejo de criar. A posição da artista na produção da série surgiu de forma despreziosa, assim como ela imagina seres que, a cada segundo, se desenvolvem mesmo diante das ameaças das ações humanas ao planeta. Olhou para um simples pedaço de argila com uma visão introspectiva do que poderia desenvolver a partir da interação com aquela matéria, e quais formas poderia adotar para aprofundar a experimentação.

A quarta peça (*EVO 04*) assumiu uma forma oval com aspecto piramidal. Assim,

o procedimento seguiu uma abordagem semelhante à da primeira peça, porém, desta vez, começou com a técnica de modelagem em argila do “pote de aperto” e culminou em uma estrutura fechada, envolvida em uma bola de papel, para garantir firmeza ao moldá-la em seu formato final.

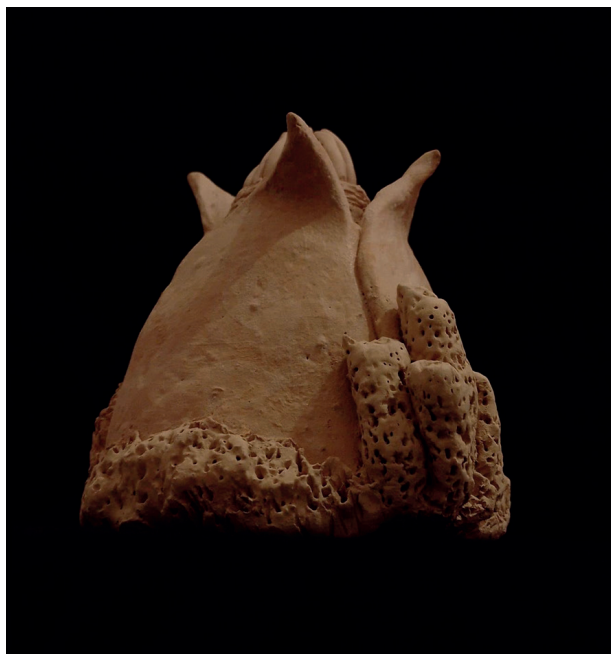


Figura 4 - *EVO 04* (2023), Dannah Cortat Simoneli, 10,5x11,5cm. Peso 398g. Técnica de pote de aperto, placa e pequenos roletes. Imagem de Bruna Cortat Simoneli.

Fonte: Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

Para este trabalho, decidiu-se explorar a textura das placas, agora em forma triangular, combinando o uso de esponja e pincel de cerdas rígidas para obter um acabamento levemente áspero, enquanto os pequenos roletes no topo permaneceram lisos. A concepção da peça partiu da seguinte reflexão: se a primeira peça pudesse ser recriada, o que mudaria nela? Resolveu-se, então, envolver parcialmente as pétalas com uma camada de argila, conferindo-lhes uma textura que remete a coral ou pedrapomes. Em um dos lados, foram fixados quatro roletes ocios, com variações sutis de tamanho, texturizando-os da mesma maneira.

A peça tem uma forma com leves curvas e bordas irregulares que sugerem um movimento natural. A superfície apresenta texturas suaves:

algumas áreas com pequenas depressões, enquanto outras são mais lisas. Em partes, há relevos com ondulações e pequenas variações de profundidade, que lhe conferem aspecto de camadas sobrepostas. A forma ovalada e as texturas variadas, alternando entre superfícies lisas e áreas mais rugosas, reforçam a ideia de transfiguração.

Na peça final, denominada *EVO 05*, buscou-se desenvolver novamente a concepção de vazio, deixando pouca informação na composição de seus elementos. Em sua boca, foram acrescentados detalhes de roletes ocios com pontas abertas. As texturas no corpo da peça começaram de maneira aleatória, para depois seguir uma direção específica, aplicando a ponta seca em um movimento de apunhalar de cima para baixo. A base foi feita de placa e optou-se por equilibrar a forma da escultura com duas placas adjacentes de roletes achatados, formando uma espécie de onda que se estende da ponta até a base, criando um movimento em curva.



Figura 5 - *EVO 05* (2023), Dannah Cortat Simoneli, 9x12cm. Peso 311g. Técnica pote de aperto com estrutura de papel, placa e pequenos roletes. Imagem de Bruna Cortat Simoneli.

Fonte: Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

*EVO 05* é uma escultura com a parte central repleta de pequenos orifícios distribuídos de maneira irregular, como nas esculturas anteriores, trazendo um ar de esponjas e corais. No topo, segue os filamentos agrupados. Em um dos lados, há a extensão curva, lisa e fluida que envolve parcialmente a peça sugerindo algum tipo de desenvolvimento orgânico, criando um contraste interessante entre a textura áspera da parte central e a suavidade dessa forma lateral.

## **ARTE E INTERSECÇÕES COM O ANTROPOCENO: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSFORMAÇÕES E RESILIÊNCIA**

Com a argila, a artista sente que pode dar forma às suas ideias, mesmo ainda sem definir exatamente o que fazer. A argila, como meio de criação, absorve e reflete informações por meio de técnicas como perfurações com ponta seca, texturização com esponja ou pincel, polimento e a mistura de componentes na massa.

Assim como a artista espanhola Teresa Solar Abboud, em sua série *The Tunnel Boring Machine*, buscou na cerâmica uma forma de referenciar a ideia de organicidade, no vídeo documentário *Teresa Solar Abboud at Art Basel Unlimited 2024*, do canal da galeria *Travesía Cuatro*, a artista diz:

As esculturas de *The Tunnel Boring Machine* são compostas por dois elementos. De um lado temos um cotovelo de cerâmica. Para mim a cerâmica sempre é uma metáfora dos estratos terrestres. É diretamente o solo [...] A relação entre o orgânico e o industrial faz alusão aos processos que ocorrem dentro do nosso subsolo, em que o ser humano extrai, escava, transita (Travesía Cuatro, 2024).<sup>2</sup>

Abboud inventa peças que evocam e reimaginam a vida subterrânea em sua série de trabalhos (Travesía Cuatro, 2024). Dannah Cortat Simoneli, por outro lado, busca conjuntamente criar obras que remetam à efemeridade e transitoriedade da vida, aos elementos naturais, e às formas de vida fantasiosas e resilientes. Abboud relata que

suas peças representam “fragmentos de corpos com formas que podemos reconhecer como animais - ou quase como partes humanas - que emergem. São abstratos, mas evocam formas muito orgânicas” (Travesía Cuatro, 2024).<sup>3</sup> Observam-se algumas semelhanças nas peças de Simoneli, principalmente na Série *Quimeras*, em que usa como referência elementos marinhos criando animais fictícios vindo de um ambiente quase inóspito das profundezas do oceano. Reimaginando novos organismos vivos.

Ademais, ao mobilizar o conceito de Antropoceno, pensa-se no futuro durante e após a exploração feita pelo ser humano e a modificação de todos os ecossistemas, e como a natureza (Gaia) reagirá “enfurecida”: a força dos fenômenos naturais diante das mudanças causadas na Terra. Uma visão distópica ou uma ficção pós-apocalíptica, pois o Antropoceno é um conceito posto pelos cientistas, com uma visão baseada em evidências e catastrófica do que têm ocorrido desde a Revolução Industrial, com o ser humano sendo apontado como a principal causa do colapso da biosfera. Logo, o Antropoceno exige uma mudança proativa e crítica sobre os consumos em excesso e nos alertando sobre exploração de recursos naturais e suas consequências no planeta Terra:

O antropoceno nos coloca diante de uma realidade dupla. Por um lado, 4,5 bilhões de anos atrás a realidade da Terra era outra; a vida continuará a existir, com ou sem humanos, por mais que eles constituam uma força telúrica. Contudo, a nova situação a que estamos submetendo o planeta é de desequilíbrios, escassez e violências que o tornarão menos facilmente habitável para os humanos. Por outro lado, mesmo que a espécie humana reduza de modo trágico sua pegada ecológica e invente uma civilização sóbria, não ficaríamos absolvidos perante Gaia. [...] As marcas de nossa era urbana, industrial, consumista, química e nuclear permanecerão por milhares, ou mesmo milhões, de anos nos arquivos geológicos do planeta (Bonneuil; Fressoz, 2023, p. 44).

Em suas produções, Simoneli vincula o imaginário das peças a essas noções, levando-a

a refletir sobre o nosso lugar no mundo enquanto espécie humana - uma espécie que, inevitavelmente, interfere nos ciclos da natureza, nesse “tecido vivo” presente no chão que pisamos, no ar que respiramos e nas nossas interações com o mundo que habitamos. E tudo isso é, ao mesmo tempo, tão efêmero. De um lado, há o apelo por equilíbrio entre natureza e humanidade; de outro, evidencia-se o que ocorre quando essa balança é desrespeitada. É esse imaginário que a artista começa a desejar trazer à tona ao especular, relacionar suas conexões com a biologia, refletir seus interesses pelas ciências naturais e criar uma estética inspirada em um universo fantasioso.

Como foi discutido anteriormente, a artista Teresa Solar Abboud vê o barro como uma substância que conecta a humanidade com as camadas do planeta, segundo Madeline Weisburg, pesquisadora curatorial da 59ª Exposição Internacional de Arte da Bienal de Veneza, *The Milk of Dreams*:

Para Solar, a argila, em particular, assume um significado consequente: como substância geológica primordial e parte constituinte do ambiente construído, é naturalmente impregnada de histórias de autoproteção, isolamento e estados de transformação (Weisburg, 2022).<sup>4</sup>

Modelar com um material que possui diversas propriedades naturais faz parte da poética de muitos artistas que escolhem a argila como meio de produção. A argila, para Simoneli, pode se relacionar com a memória, o inesperado e a transformação. Em paralelo com a natureza, ela registra a tensão que se aplica nela, transformando-se conforme a manipulamos, em cada estágio de seu processo de secagem, e, especialmente, após a queima. Os resultados das experimentações com argila são muitas vezes imprevisíveis, revelando-se apenas quando retiramos a peça pronta do forno.

A maioria das esculturas que Dannah Cortat Simoneli produz carregam uma abordagem em relação ao mundo natural, manifestando elementos das ciências naturais e a concepção

de um meio ambiente esgotado, ao apresentar texturas, depressões e formas que sugerem processos de erosão e transmutação. Nessa perspectiva, as potências humanas teriam sido tão hostis ao planeta que o transformou em um *habitat* intenso e alterado, onde a metamorfose dessas criaturas fantásticas e a representação de fenômenos naturais em colapso são consequências diretas das ações do ser humano.

O processo de criação com a argila em questão considera as transformações que causamos no planeta, enquanto sociedade, e nas formas de vida que aqui habitam, imaginando um cenário fictício em que esses seres foram moldados e/ou tiveram sua biologia alterada pelas intensas intervenções humanas. No livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), Ailton Krenak, indígena, ativista do movimento socioambiental e doutor *Honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reúne ensaios sobre a sociedade industrializada, a sustentabilidade e a importância de retornar aos valores ancestrais dos povos originários como uma forma de comedir o Antropoceno.

Krenak (2019) nos convida a refletir sobre a catástrofe ecológica que vivemos e a interação da sociedade humana com a mãe natureza, abordando o Antropoceno com uma crítica decolonial. Ele destaca como a ideia de uma humanidade (branca europeia) viabilizou e fundamentou a colonização e a exploração ambiental como justificativa de um progresso civilizatório:

[...] e o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 16-17).

Em sua visão de mundo como líder indígena do povo *Krenak* (onde “kre” significa cabeça e “nak” significa terra), o ser humano e a natureza estão inerentemente interligados. Os povos originários mantêm uma relação saudável e harmoniosa com o planeta, vendo-o como uma mãe provedora (Krenak, 2019). O território Krenak está situado no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, e é banhado pelo rio que dá nome à região. Esta região foi profundamente impactada pelas tragédias ambientais decorrentes da exploração de minério pela empresa Samarco.

Em contraste, a perspectiva ocidental enxerga a Terra como uma fonte de riquezas para exploração desenfreada, impondo um vínculo predatório com os recursos naturais. Ao abordar o que chamamos de Antropoceno, Krenak expõe o antagonismo do ser humano moderno em relação à natureza:

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos (Krenak, 2019, p. 46).

Estamos provocando a extinção de outros organismos vivos, arrastando-nos nesse processo autodestrutivo. O autor destaca a urgência de repensarmos nossa abordagem em relação ao meio ambiente. Dentro de sua perspectiva, diferente de Bonneuil e Fressoz (2023), mas não contrária, Krenak (2019) defende a ideia de que devemos legitimar a sabedoria dos povos originários para preservar a biosfera e viver em harmonia com a mãe natureza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste estudo sobre a série de esculturas *Quimeras*, o desenvolvimento com a cerâmica desdobrou-se em uma interação crítica ao Antropoceno, advertindo para o impacto das ações humanas sobre o nosso planeta. Através da materialidade da cerâmica, articulou-se a relação com a impermanência e fragilidade da vida, em diálogo com as alterações hostis do Antropoceno e sua abordagem predatória ao ecossistema. O uso do imaginário fantástico busca mostrar a persistência da vida e da imaginação em tempos de desesperança.

Nesse sentido, este artigo aborda como o processo do trabalho artístico vinculado a uma concepção de mundo que identifica nosso vínculo como espécie e as responsabilidades com o meio ambiente que nos hospeda. Conforme proposto por Ailton Krenak (2019), é essencial olhar para a Terra não apenas como fonte de recurso, mas como parte absoluta de nossa existência e memória coletiva.

Desta forma, o uso da argila como matéria natural e o estudo de texturas de formas orgânicas assinalam um imaginário de seres vivos resilientes e adaptados, transmutados. Mas também, expressam cicatrizes provocadas pelo ser humano na biosfera. Criando formas vindas de um imaginário de catástrofe distópica, a série *Quimeras* convida ao espectador mais do que refletir sobre a relação humanidade *versus* natureza, mas como nós alteramos seus ciclos e quebramos a harmonia presente do sistema Terra. Nesse aspecto, as peças escultóricas são signos de impermanência, das feridas e do inimaginável em tempos de catástrofes, buscando assim direcionar o nosso olhar de forma ampla, mas também introspectiva para as crises ambientais que afetam as vidas que aqui habitam, incluindo a nossa.

## REFERÊNCIAS

BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. O evento Antropoceno: a Terra, a História e nós. **Geografares**, Vitória, n.36, p. 1-25, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/41333>>. Acesso em: 16 abr. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WEISBURG, Madeline. Teresa Solar Abboud: 1985, Spain. **La Biennale di Venezia**, 2022. Disponível em: <<https://www.labiennale.org/en/art/2022/milk-dreams/teresa-solar>>. Acesso em: 3 jul. 2024.

### Documento iconográfico

SIMONELI, Bruna Cortat. **EVO 01**. 2022. 1 fotografia digital, color. Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

SIMONELI, Bruna Cortat. **EVO 02**. 2022. 1 fotografia digital, color. Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

SIMONELI, Bruna Cortat. **EVO 03**. 2023. 1 fotografia digital, color. Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

SIMONELI, Bruna Cortat. **EVO 04**. 2023. 1 fotografia digital, color. Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

SIMONELI, Bruna Cortat. **EVO 05**. 2023. 1 fotografia digital, color. Acervo pessoal de Dannah Cortat Simoneli.

### Documento audiovisual

TRAVESÍA CUATRO. Teresa Solar Abboud at Art Basel Unlimited 2024. [Vídeo]. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=At8SvSVDaFA>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

## Notas

<sup>1</sup> Este texto é resultado da pesquisa de Iniciação Científica da primeira autora, Dannah Cortat Simoneli, que consiste na reflexão sobre seu processo de criação em cerâmica, orientado pelo segundo autor, Prof. Dr. Rafael Pagatini, coordenador do projeto de pesquisa Ecossistemas de Informação na Prática Artística: Gravura, Tecnologia e Tecnodiversidade. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) - Número T.O. 1563/2025.

<sup>2</sup> Tradução das pessoas autoras. No original: "The Tunnel Boring Machine sculptures are composed by two elements. On one hand there's a ceramic elbow. For me, clay is always a metaphor for the Earth strata. It is directly soil. [...] The relationship between the organic and the industrial alludes to the processes that occur within our subsoil, in which the human being extracts, excavates and transits".

<sup>3</sup> Tradução das pessoas autoras. No original: "fragments of bodies with shapes that we can recognize as animals - or almost as human parts - emerge. These are abstracts, but evoke very organic forms".

<sup>4</sup> Tradução das pessoas autoras. No original: "For Solar, clay, in particular, takes on consequential meaning: as a primordial geological substance and constituent part of the built environment, it is naturally suffused with stories of self-protection, isolation, and states of transformation".

## **SOBRE OS AUTORES**

*Dannah Cortat Simoneli* é graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bolsista de Iniciação Científica (PIIC), pesquisando o uso de ecossistemas de informação na prática artística e a performatividade do saber na arte contemporânea. Atuou como mediadora voluntária no Museu de Ciência da Vida (2022-2023) e como bolsista monitora em Cerâmica I e II, além do projeto Área Tridimensional. Sua poética explora peças cerâmicas que refletem mundos distópicos e fantásticos, expandindo relações entre arte, biologia e impactos ambientais. ORCID: <<https://orcid.org/0009-0001-9183-8284>>. E-mail: [dannahcortat@gmail.com](mailto:dannahcortat@gmail.com)

*Rafael Pagatini* é artista, educador, pesquisador e professor na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutor em Artes Visuais pela UNICAMP, com estágio doutoral na Hochschule Hannover, na Alemanha. Em 2024, recebeu Menção Honrosa no Prêmio CAPES de Teses. Sua trajetória artística inclui exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, com obras em acervos de importantes instituições nacionais. Como pesquisador, se dedica aos conflitos e tensões em torno da construção das imagens, abordando memórias do autoritarismo a partir de uma perspectiva sul-americana. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5708-5397>>. E-mail: [rafael.pagatini@ufes.br](mailto:rafael.pagatini@ufes.br)

Recebido em: 29/4/2025

Aprovado em: 6/11/2025